



Metamorfoses

Revista de Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros

ISSN: 0875-019, v.20, n.2, e64015, 2023

DOI: 10.35520/metamorfoses.2023.a64015

Artigo Original

Eduardo Lourenço e o Neorrealismo: breve reflexão sobre um *desencontro*

*Eduardo Lourenço and Neorealism:
Brief Reflection on a Discontent*

António Pedro Pita 

Universidade de Coimbra, Portugal.

E-mail: appita@gmail.com

RESUMO

O texto retoma algumas breves e importantes reflexões sobre o volume *Obras completas II: Sentido e forma da poesia neo-realista e outros ensaios*, de Eduardo Lourenço. O depoimento de Eduardo Lourenço intitulado “Como vivi a (pequena) história do neo-realismo” é uma síntese autobiográfica da sua experiência coimbrã. Escreveu: “quando cheguei a Coimbra em 1940 (com 17 anos), o neo-realismo tinha já todo um passado de que eu ignorava tudo». Esse passado remontava pelo menos a 1937, ano em que encontramos as primeiras manifestações do que se designará a si mesmo, anos depois, por “neo-realismo”.

PALAVRAS-CHAVE:

Sentido e forma da poesia neo-realista e outros ensaios, Eduardo Lourenço, *Obras Completas*, neorrealismo.

ABSTRACT

The text resumes some brief and important reflections on the volume *Obras completas II: Sentido e forma da poesia neo-realista*, by Eduardo Lourenço. Eduardo Lourenço’s statement entitled “How I lived the (small) history of neo-realism” is an autobiographical synthesis of his

Editor-chefe

Sofia Maria de Sousa Silva
Paulo Ricardo Braz de Sousa

Editores convidados

Gilda Santos
Marlon Augusto Barbosa

Recebido: 15/05/2024

Aceito: 20/06/2024

Como citar:

PITA, António Pedro.
Eduardo Lourenço e o
Neorrealismo: breve reflexão
sobre um desencontro.
Revista Metamorfoses, v.20,
n.2, e64015, 2023. doi:
[https://doi.org/10.35520/
metamorfoses.2023.a64015](https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2023.a64015)

experience in Coimbra. He wrote: “when I arrived in Coimbra in 1940 (at the age of 17), neo-realism already had a whole past that I was completely unaware of». This past went back at least to 1937, the year in which we found the first manifestations of what would be called, years later, “neo-realism”.

KEYWORDS:

Meaning and form of neo-realist poetry and other essays, Eduardo Lourenço, *Obras Completas*, neorealism.

A memória

O depoimento de Eduardo Lourenço intitulado “Como vivi a (pequena) história do neo-realismo” é uma síntese autobiográfica da sua experiência coimbrã. Escreveu: “quando cheguei a Coimbra em 1940 (com 17 anos), o neo-realismo tinha já todo um passado de que eu ignorava tudo».

Esse passado remontava pelo menos a 1937, ano em que encontramos as primeiras manifestações do que se designará a si mesmo, anos depois, por “neo-realismo”¹.

O ano chave é 1937². Nas palavras de Alexandre Pinheiro Torres, um «ano por todos os motivos crucial»³, e tanto, e tão profundamente, que toda a razão assiste a Luís Augusto Costa Dias, quando sustenta conceptualmente o recuo do *signal* de génese do neo-realismo a 1937 pelo estabelecimento da noção de «geração de 1937»⁴.

Avaliamos melhor a importância da *pequena* precisão de Eduardo Lourenço: «O “meu” neo-realismo *vivido* será o do *Novo Cancioneiro*» (sublinho “vivido”) e não, permito-me acrescentar, todo aquele de que, numa conferência célebre, *A arte e a vida*, António Ramos de Almeida fez um primeiro balanço em 1941.

No curso de Histórico-Filosóficas, é colega de Carlos de Oliveira, que o põe em contacto com os seus Amigos.

Tudo se passa, então, *como se* Eduardo Lourenço estivesse a integrar-se na constelação neorrealista. Sentimento fortalecido por duas circunstâncias:

¹ De um ponto de vista estritamente literário, é oportuno lembrar que neste mesmo ano de 1937 Vitorino Nemésio fundou a sua *Revista de Portugal* e que o neorealismo emergente chegava a uma primeira expressão coletiva em *Cadernos da Juventude*. Mas este não é o lugar para alargar considerações sobre este ponto.

² Cf.: Alain Badiou, *O Século* (2005), Ideias & Letras, Aparecida-SP, 2007, p. 42-44: «No século, 1937 não é sem valor. É o ano metonímico em que algo essencial se prepara».

³ Alexandre Pinheiro Torres, *O neo-realismo literário português na sua primeira fase*, Instituto de Cultura Portuguesa, Biblioteca Breve, Lisboa, 1977, p. 46.

⁴ Luís Augusto Costa Dias, “Contributo preliminar para o conceito de ‘geração de 1937’”, *Vértice*, nº 75, Dezembro. 1996, p. 52-58.

1ª, a participação de Eduardo Lourenço na fundação, com Raul Gomes, da revista *Vértice*, que era *ainda* em 1942 uma revista *de estudantes* e sobretudo a sua permanência na redação quando a revista transita para a órbita neorrealista, em 1945;

2ª, a descolagem do catolicismo tradicional e a aproximação consciente à oposição política ao salazarismo bem como, no plano cultural, a percepção da diversidade das realizações literárias dos neorrealistas em grande parte seus amigos.

A leitura sequencial dos seus artigos desse período de *Vértice* documenta estes dois aspetos.

Nesse texto autobiográfico e em todos os outros em que direta ou indiretamente há referência ao neorrealismo, o discurso de Eduardo Lourenço oscila entre uma genuína afetividade geracional e um não menos genuíno distanciamento teórico (filosófico, conceptual).

Posição teórica

A publicação de *Heterodoxia I*, em 1949, poderia ter esclarecido o eventual equívoco – não fora a importância da sobredeterminação política, isto é, da tentação de recalcar divergências teóricas em nome da consonância política, neste caso, a oposição ao salazarismo.

A leitura de Hegel através da inspiração kierkegaana situava *Heterodoxia I* num horizonte diferente, mesmo irreduzível, ao dos seus jovens companheiros de aventura cultural e cívica.

O eixo central da atitude teórica é suficiente para traçar uma linha de demarcação, para além de afinidades pessoais e de proximidades cívico-políticas: trata-se de distanciamento ou de estranhamento relativamente à *mediação total* (expressão de Paul Ricoeur).

O percurso intelectual de Eduardo Lourenço é a expressão de um percurso filosófico. O facto de o elemento medular deste percurso filosófico ser uma demarcação do pensamento dialético colocou-o, desde 1949, fora da fascinação hegeliana e, portanto, fora da fascinação marxiana. Uma concepção de historicidade como movimento insuscetível de ser sistematicamente circunscrito é a aquisição estruturante do jovem filósofo. É da mediação total enquanto conceito-chave das filosofias da história que Eduardo Lourenço se distancia. E a textura dessa distanciamento chama-se *heterodoxia*.

O encontro com Pessoa foi, por isso, um acontecimento decisivo, produziu imenso impacto. Recordou: “quando apanhei, em meados dos anos 40 o choque (foi de facto de um choque que se tratou) da poesia de Pessoa e, quase simultaneamente, a de Mário de Sá-Carneiro, isso foi qualquer coisa que por razões diversas me causou uma perplexidade de toda a ordem, não apenas estética»⁵.

A dupla Kierkegaard-Pessoa abriu um horizonte teórico com longas extensões estéticas e existenciais e delimitou o campo especulativo em que Lourenço se vai mover até ao fim.

Por isso, assistiu *de fora* ao movimento de reconfiguração da constelação neorrealista ao longo da década de 50.

O que está em jogo nessa reconfiguração? A experiência de possíveis caminhos *artísticos* que se abriam a intelectuais *comunistas*. Escritores, artistas plásticos e músicos experimentavam soluções artísticas sem uma consistente aparelhagem conceptual previa. Como escreveu Joaquim Namorado, os “textos sobre arte e literatura dos filósofos materialistas são na maior parte dos casos fragmentos de trabalho incidindo sobre outros assuntos” e, por isso, “aos jovens escritores dos anos 30 punha-se o imperativo da criação de técnicas suscetíveis de exprimir o seu modo de entender o mundo”, porque estavam convictos de que o movimento da arte tinha uma dinâmica específica, heterogénea do movimento doutrinário. As obras dos autores neorrealistas esclarece-nos a este respeito. É aí, nas obras, que as possibilidades artísticas do neorrealismo devem ser localizadas e estudadas. Mas para isso foi necessário tempo: a violenta polémica no interior do neorrealismo nesses anos 50 é também a comprovação da sua heterogeneidade interna e, mais do que isso, congénita.

A interpretação

No seu lugar teórico e sem que porventura tivesse disso consciência integral, Eduardo Lourenço participou na lenta mudança de sede do debate sobre o neorrealismo, isto é: no aparecimento de tentativas de compreensão não-neorrealista do neo-realismo.

O ensaio *Sentido e Forma da poesia neo-realista* foi escrito em 1959-60⁶ e publicado em 1968, ao mesmo tempo que eram publicados *Fernando Namora* (1967) e *Há uma estética neo-realista?* (1968) de Mário Sacramento e *A poesia da «presença» e o aparecimento do neo-realismo* (1969) de Fernando Guimarães⁷.

⁵ Eduardo Lourenço, “Sou um dissidente da minha geração”, entrevista por António Guerreiro, *Relâmpago. Revista de Poesia*, Lisboa, Fundação Luís Miguel Nava, n. 22, abril de 2008, p. 52.

⁶ Eduardo Lourenço, “Sou um dissidente da minha geração”, *op. cit.*, p. 55.

⁷ Em *O Reino Flutuante*. Lisboa: Edições 70, 1972. Eduardo Prado Coelho ensaia uma leitura de conjunto das obras de Mário Sacramento e de Eduardo Lourenço (p. 123-178).

Lentamente, as possibilidades expressivas do neorrealismo apareceram, provocaram reflexão teórica e o “movimento” pode começar a ser situado historico-culturalmente.

A obra de Eduardo Lourenço surpreende, em primeiro lugar, pelo corpus analisado: dir-se-ia que estudar a poesia neorrealista sem Manuel da Fonseca e sem Mário Dionísio, pelo menos, não era possível.

Porém, a obra assenta numa hipótese (ou *convicção* de partida), enunciada logo nas primeiras páginas: a «precedência histórica e ideal da teoria sobre a visão literária que ela determinou, ou pareceu determinar num certo período do neo-realismo, teve as mais fundas consequências».

Essa convicção assenta sobretudo na *memória* coimbrã e conduz integralmente a leitura. Esta leitura desenvolve passo a passo, com todo o encantamento da escrita de Eduardo Lourenço a conclusão desconcertante: cada uma a seu modo, as obras poéticas de Carlos de Oliveira, de João José Cochofel e de Joaquim Namorado formam-se e desembocam, quando não emergem também, no interior de *uma contradição* – entre o que chamaríamos, por um lado, o princípio gerador e a lógica própria imanentes a cada uma e, por outro, a reafirmada “precedência histórica e ideal da teoria”.

Concretamente: Joaquim Namorado «parece o poeta neo-realista paradigmático, como um neo-realista *malgré lui*» (p. 116); João José Cochofel “evolui dentro de uma aventura bem pessoal e a sua “visão do mundo”, se assim se pode dizer, participa menos em qualquer perspectiva ideológica precisa que na experiência vital e sobretudo amorosa» (p. 43); no poema «Descida aos Infernos» de Carlos de Oliveira (1949), Lourenço sublinha o “carácter insólito, aparentemente obscuro, tão afastado das comuns preocupações da mitologia literária do neo-realismo» (p. 180).

Esse fundo e complexo desencontro, em última instância filosófico, não permitiu a Eduardo Lourenço a compreensão do modo como o neorrealismo colocou o problema e reconheceu as dificuldades das relações entre o poema e a história (ou: as relações entre o poema e a história *como problema*) ou, numa oscilação de sumas consequências, aos modos de inscrição da arte no tempo. Questão central – para todos.

REFERÊNCIAS

BADIOU, Alain. *O Século*. Trad. Carlos Felício da Silveira. São Paulo: Ideias & Letras, 2007.

COELHO, Eduardo Prado. Mário Sacramento perante a teorização do neo-realismo (plano para um trabalho). In: COELHO, Eduardo Prado. *No Reino Flutuante*. Exercícios sobre a Razão e o Discurso. Lisboa: Edições 70, 1972 [1969]. p. 139-147.

DIAS, Luís Augusto Costa. Contributo preliminar para o conceito de “geração de 1937”. *Vértice*, n. 75, p. 52-58, dez. 1996.

LOURENÇO, Eduardo. “Sou um dissidente da minha geração”, entrevista por António Guerreiro. *Relâmpago*: revista de poesia, n. 22, p. 52, abr. 2008.

LOURENÇO, Eduardo. *Sentido e forma da poesia Neo-Realista e outros ensaios*. Coord. e Introdução de António Pedro Pita. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

TORRES, Alexandre Pinheiro. *O neo-realismo literário português na sua primeira fase*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1997.